

**O ACRIANÇAMENTO POÉTICO
NA OBRA DE MANOEL DE BARROS:
INFÂNCIA E LINGUAGEM INVENZIONADAS**

Adriana Cercarioli (UEMS)
drircercarioli@yahoo.com.br

1. Introdução

Na obra *Celebração das coisas* (2006), organizada por Pedro Spíndola, encontramos uma curiosidade do poeta Manoel de Barros, os caderninhos de rascunhos. Neles, o poeta registra tudo o que lhe ocorre, como rabiscos poéticos. Manoel considera-os aproveitáveis, podendo transformar-se, um dia, em um livro. Deleitando-se com textos inéditos, encontramos na compilação desses rabiscos

**Tenho memória péssima. Quase não
me lembro do que vivi. Só me lembro
do que inventei. Prova de que a realidade
é falsa. Verdadeira é a invenção.**

O poema transcrito caminha ao encontro de outro verso do poeta, verso muito conhecido, que se torna epígrafe do livro *Memórias Inventadas: A Infância* (2003) e traduz o cerne de sua poesia “Tudo o que não invento é falso”. Inventar é a competência máxima de Manoel de Barros, o poeta não gosta da “palavra acostuada” (expressão extraída da obra *Livro sobre nada*, 1996).

É de conhecimento biográfico que a infância do poeta permiti-lhe elaborar seus brinquedos, imaginar seus amigos, conversar com os seres escondidos, em um universo muito particular. Esta infância incumbir-se-ia de projetar essas *peraltagens* (neologismo extraído do livro *Exercícios de ser criança*, 1999) para o seu fazer poético. A proposta desta pesquisa é investigar por que a tônica poética de Manoel de Barros, em muitas de suas obras, ancora-se nesta passagem da vida. Uma possível resposta encontra-se no excerto “... quando a editora lhe pediu que escrevesse o que seria o livro da Mocidade e da Velhice, ou seja, que completasse a sua Autobiografia, o poeta respondeu que não seria capaz, porque só teve infância.” (MORETTINI; URT, 2010, p. 227-228).

Segundo Castro (1991) é na infância que o mundo, as coisas e os seres foram experimentados de maneira tão única e expressiva que conduziram os poetas à origem originante de suas revelações poéticas, mais

adiante o autor completa “nas relações entre homem, mundo e linguagem, a infância emerge como estado potencial de todas as invenções.” (CASTRO, 1991, p. 176).

A imaginação, a invenção e a transformação são temáticas presentes na poesia barreana⁸⁴, na sua imaginação o homem se inclui na imagem do seu mundo, em seu mundo, reinventado, o poeta enxerga diferente, “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê”, confirma o poeta (verso extraído da obra *Livro sobre Nada*, do poema “As lições de RQ”, 1996) . Para pessoas comuns, a vista do olho nu é limitada, é por meio da poesia que se alivia essa ausência, aquilo que é estranho, feio e afastado se aproxima. Semelhante a Manoel de Barros, Gautier (2001, p. 23) revela-nos sua indignação contra “os homens utilitários e práticos”, apontando-nos uma proximidade ao pensamento estético barreano “Só é realmente belo o que não serve para nada (...)”.

Por muitas vezes, leitores ainda iniciantes na poesia de Manoel julgam-na impenetrável, obscura, repleta de estranhamentos e desejam codificá-la, ou seja, torná-la letra morta. Friedrich ataca o racionalismo desses leitores citando Baudelaire “Ninguém escreveria versos se o problema da poesia consistisse em fazer-se compreensível.” (FRIEDRICH, 1978, p. 16).

De acordo com Friedrich (1978) de todos os comportamentos da poesia moderna - sentir, observar e transformar, é o último que domina. Para ele, o poeta é a inteligência que poetiza, o poeta é o operador da língua e reforça que a linguagem poética sempre foi oposta, diferente da função normal da língua “A língua poética adquire caráter de experimento, do qual emergem combinações não pretendidas pelo significado, ou melhor, só então criam o significado.” (FRIEDRICH, 1978, p. 17).

Conforme Marinho (2002), os poemas de Manoel de Barros direcionam o leitor à rejeição das normas. Este posicionamento libertário é possível no universo lúdico das crianças. Para chegar às imagens oníricas do universo da criança, onde a vista não é curta, é necessário ignorar as lições de gramática petrificadas “Reconstruir uma gramática para a língua equivaleria a reclassificar o universo: através do ‘criaçamento das palavras’, este pode ser o objetivo sugerido pela poesia de Manoel de

⁸⁴ Expressão adotada para tratamento da poesia de Manoel de Barros, extraída da leitura da obra *A poética de Manoel de Barros*, de Afonso de Castro.

Barros.” (MARINHO, 2002, p. 43).

Em seus experimentos com as palavras, Manoel de Barros sinaliza, por meio de uma revolução semântica, a infância e o mundo transformados, apresentando-nos o “*inauguramento de falas*” (neologismo extraído da *Gramática Expositiva do Chão*, 1990) produzido e desvelando-nos, na condição de quem é competente a manejar a língua, como processa recursos inúmeros, como se lança a várias vertentes e recebe influências para “Chegar ao acriançamento das palavras” (verso extraído do *Livro sobre nada*, 1996).

Para iluminarmos as trilhas percorridas pelo poeta a fim de atingir o acriançamento poético, avaliamos parte da sua fortuna crítica, verificando a proximidade existente entre seus poemas, a metaligagem, o lúdico e o mito. Nismária Alves David (UEG, 2005) destaca esta relação em seu artigo, A poesia de Manoel de Barros e o mito de origem, fortalecida pelo pensamento de Huizinga, autor citado em seu texto, “tanto o mito quanto a poesia se situam dentro da esfera lúdica”. Segundo seu estudo, o mito explora imagens e com apoio da imaginação narra acontecimentos que supostamente se deram em épocas muito remotas, transcendendo os limites do juízo lógico e, desta forma, constituindo-se poesia.

De acordo com o trabalho da pesquisadora na mitologia produzida por Manoel de Barros fica explícita a presença de símbolos que impulsionam o mito primordial da origem, dentre os símbolos, conforme sua avaliação, é pertinente ater-se ao da criança, graças a sua capacidade de tornar-se um exemplo mítico.

Na infância encontramos a possibilidade do retorno e recomeço, como se percebe enfatizado nessa passagem bíblica do livro de Mateus (18:3) “E disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrarei no reino dos céus.” Nota-se que, conforme o excerto, será o maior, no reino dos céus, aquele que se fizer menor, pequeno. Assim, encontramos uma iluminação consoante à poesia barreana, uma vez que esta adere às coisas pequenas e desprezadas.

A preocupação que se desponta a partir desses esclarecimentos é a de que não se restrinja ou confunda o tema da poesia de Manoel de Barros a sua infância vivida no Pantanal, ele próprio contesta o adjetivo pantaneiro, ele não descreve nada, faz poesia “Meu mister de poetar não compreende expor ideias nem sentimentos da cidade ou do campo. Mexo

com palavras. Gosto de amá-las” (em *Celebração das coisas*, 2006, p. 65). Esta apreciação é mencionada na dissertação de André Luiz Portela Martins Filho (UFRJ, 2008), sob o título *A memória cósmica: gênese da poética manoelina*. Ao explanar a memória em Manoel de Barros, nota-se que ela ultrapassa o senso comum, aquele cuja função é rememorar um episódio vivido.

Explicitando e parafrazeando o entendimento adotado pelas suas leituras, rememoração é considerada partícula, composição minúscula da memória em sua poesia, seria mais vantajoso compreender a memória como uma espécie peculiar: a recordação poética é invenção, imaginação. Ele detalha que há uma diferença entre uma memória histórica e uma memória de cosmos, pautando-se nos estudos de Bachelard, esta última é incapaz de rememoração cronológica, portanto, ratifica com os versos do poeta,

**Um dia Nhanhá Gertrudes fazia bolo de arroz.
Negra Margarida socava pilão.
Eu nem sei o que fazia mesmo.**

(extraído do livro *Poemas concebidos sem pecado*)

e

**Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que
são inventadas**

(extraído da obra *Livro sobre nada*).

Ressalta-se que dentre os inúmeros trabalhos direcionados a esclarecer sobre a temática da memória em Manoel de Barros, observamos um comungar da memória cósmica entre os pesquisadores mencionados neste texto. Noto uma confluência de suas observações partindo da memória cósmica destacada por André Luiz, reforçando-a com a leitura do artigo *Manoel de Barros: cosmologia poética*, autoria de Wanêssa Cruz e Joana Alves Philadelphio (UFMG, 2008).

Estes pesquisadores apresentam Gagnebin, autor que confirma que esta volta à infância não se limita à experiência vivida,

mas esta é ressignificada na vida adulta por meio de rememoração. Portanto, falar da infância é se reportar às lembranças do passado, não como este de fato ocorreu, mas um passado que é, então, recontado a partir do crivo do presente e que se projeta prospectivamente. Assim, quando falha a memória, entra a imaginação.

Agrego, a esta análise, fragmentos do primeiro artigo, de autoria

de Nismária, quando diz que as retinas infantis veem o mundo pela infância e guardam tudo na memória, as experiências do sujeito lírico são guardadas na memória e reinventadas pela imaginação, deixando de ser história, tornando-se mítico. Ela prossegue destacando a obra *O arco e a lira*, de Octavio Paz “O mito é um passado que é um futuro disposto a se realizar no presente”.

Aponto, então, a obra *Signos em rotação*, do mesmo autor, para ilustrar que Manoel de Barros experimenta, em significativo percurso de sua obra, esta separação e reconciliação, tratada tão poeticamente por Paz:

Nossa poesia é consciência de separação e tentativa de reunir o que foi separado. No poema, o ser e o desejo de ser pactuam por um instante, como o fruto e os lábios. Poesia, momentânea reconciliação: ontem, hoje, amanhã; aqui e ali; tu, eu, ele, nós. Tudo está presente: será presença. (PAZ, 2009, p. 122).

Investigar a memória auxilia-nos a destrinçar, puxar fio a fio, a compreensão do acriçamento poético, para atingi-lo é preciso ir ao descomeço e o começo, como dizem os versos

**No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá (...)**

(versos extraídos da obra *O livro das ignoranças*).

Consideramos que falar sobre memória não significa uma predileção pelo tema, haja vista não existir hierarquia de temas na obra barraena, todos eles se articulam e caminham para um projeto único de tratamento com a palavra.

Abençoado pelas garças como se considera o poeta e pela revelação da linguagem infantil, Manoel de Barros cria um legado poético único, inaugural, como a língua que perseguiu por anos, portanto, não nos esqueçamos, que sua preocupação é a palavra “A palavra é a destinação do poético” (CASTRO, 1991, p. 116).

Retornando ao artigo de Nismária, no poema acima é possível enxergar o mito de origem e o valor supremo da palavra, ela também convida um verso bíblico, no livro de João (1:1) “No começo era o verbo”, a partir do verso e da leitura de Cassirer discorre acerca da arquipotência da palavra, pontuando que Deus a empregou como instrumento de criação; complementa, observando que, em todas as cosmogonias míticas, por mais longínqua que se remonte a sua história, sempre se volta a de-

parar com a posição suprema da palavra. Tal registro conduz-nos a percorrer mais uma vez entre os poemas de Barros e encontramos uma escova cujo atributo poético é ouvir:

Eu tinha vontade de fazer como dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma.

(extraído do livro *Memórias inventadas: A infância*, 2003).

O poema Escova leva-nos agora a tratar de temas invocados pelo acriançamento poético: a reinvenção da linguagem, a coisificação, a insignificância, a inutilidade e o mundo pequeno. Uma vez alcançado este mundo instaurado pela infância, a palavra liberta-se do império dos significados cristalizados e parece-nos permitir ouvi-la, em estado puro e virgem, pela primeira vez. Assim é concedido ao poeta o direito de fazer da palavra seu brinquedo, não que a menospreze, ao contrário, conforme a firma o próprio Manoel de Barros

**Aprendera no circo, há idos, que a palavra tem
que chegar ao grau de brinquedo
para ser séria de rir.**

(extraído do livro *Poeminha em língua de brincar*, 2007).

Destruída a linearidade do tempo, passado-presente-futuro, experimenta-se um tempo mágico e mítico, que foge ao mundo da lógica, dos excessos e das necessidades. Chega o tempo de reinventar o mundo e as relações, longe da lógica, porque, segundo Manoel

**Logo entrou a Dona Lógica da Razão e bosteou:
Mas a lata não aguenta uma Tarde em cima dela...**

(extraído do livro *Poeminha em língua de brincar*, 2007).

Cria-se um mundo de aproximação dos seres, das coisas, isto é possível, por meio da revolução da linguagem.

O poeta Manoel de Barros confessa que foi João Guimarães Rosa quem lhe “mostrou um descaminho para a renovação do mundo pela linguagem” (ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 36). Segundo Campos (2006), “Guimarães Rosa retoma de Joyce aquilo que há de mais joyceano: sua (como disse Sartre) ‘contestação da linguagem comum’, sua revolução da palavra (...)” (CAMPOS, 2006, p. 58).

Para Castro (1991), a renovação do mundo se dá mediante o arquétipo da criança, a língua é capaz de transformar os seres. Para o autor, esta qualidade de retornar à infância vai desembocar na língua como expressão, como linguagem do mundo projetado, as palavras surgirão da potência lúdica “A infância torna-se também o tempo de experimentar e inovar a língua.” (CASTRO, 1991, p. 176).

Apropriando-se do artigo Manoel de Barros: Rebelde amor diante da tradição, produção de Kelcilene Grácia-Rodrigues e Rauer Ribeiro Rodrigues (UFMS, 2009) é constatada a união, realizada pela criança, dos mundos aquático, terrestre e aéreo, em seus elementos primordiais, a criança cria uma cosmogonia panteísta. É nesse cenário que se discute a primazia dos seres. Os autores iniciam o texto com fragmentos dos poemas “A rã” e “Achadouros”, da obra Memórias inventadas: A infância.

No primeiro poema a rã garante que o rio Amazonas é que passava pelas margens dela, pois era ela que estava ali desde o começo do mundo, antes de o rio ali se estabelecer, tinha a importância de ter chegado primeiro, assim, conforme a rã, a importância do ser e das coisas se estabelece pela primazia, pela permanência do ser no tempo. No segundo, surge a descoberta de que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que se tem com elas, os autores utilizam o verso “Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade”, acrescento mais este

**Assim, as pedrinhas do
nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo,**

e concluo retornando a suas falas, as coisas pequenas são tão maiores quanto as maiores coisas do mundo, mesmo sendo menores.

Na tese de doutorado de Julio Augusto Xavier Galharte, *Despalavras de efeito: os silêncios na obra de Manoel de Barros* (2007), o autor também destaca aqueles que não têm voz socialmente e o valor das coisas jogadas fora, ele encontra no livro *Matéria de poesia*, a presença das coisas ordinárias, caco de vidros, retratos de formatura, coisas que não se

vendem no mercado e assevera que estas podem se tornar poesia.

Constatamos que o poeta reinventa os seres e o mundo e instaura uma língua, possibilitando novas relações entre os seres por meio dela, surgem então uniões entre eles, diferentes germinações, em um lúdico embaralhamento das funções. Manoel de Barros reascende novas vocações para os nomes e os verbos, entrelaçando o universo das palavras e dos seres. Encontramos esses artifícios no poema O casamento (extraído do livro *Ensaios fotográficos*, 2000), no qual a palavra lata, descartada pela sociedade, torna-se um experimento importante para o poeta manejar a língua:

**Tentei uma aventura linguística.
Queria propor o enlace de um peixe com uma lata.
Uma lata é uma lata é uma lata é uma lata
Busquei contiguidades verbais.
Busquei contiguidades substantivas para fazer
o casamento.
A lata morava no quintal da minha casa entregue
às suas ferrugens.
E o peixe no rio.
Veio um dia entrou uma enchente no quintal da
minha casa.
E levou a lata com ela.
A lata ficou no fundo do rio.
No fundo do rio as ferrugens são mais espessas.
E a lata estava pegando craca no corpo.
Deu-se que o peixe se enferrujou da lata.
Penso que se deu um quiasmo: uma contaminação
retórica do peixe com a lata.
Houve um casamento.
Moral da fábula: o peixe que não gozava de ser
sucata quis gozar.**

Para Marinho (2009), o animismo e o antropomorfismo são recursos recorrentes e marcantes do pensamento infantil, com eles, as crianças atribuem aos objetos inanimados e seres irracionais emoções e experiências, que ao fim, são as suas próprias.

Nessa metamorfose permitida pelo lúdico, os seres vão assumindo novas características, conforme observamos em *Compêndio para uso dos pássaros* (1960):

**Escuto o meu rio:
é uma cobra
de água andando
por dentro de meu olho.**

Assim, enxergamos nos versos, que os seres estão propensos ao devaneio “O mundo nasce transfeito, transfigurado numa imagem ludicamente poética. A linguagem também se reinventa em contato com a realidade em devir.” (CASTRO, 1991, p.183).

Segundo Castro (1991), o resultado da linguagem *coisal* (p. 137) de Manoel de Barros é fruto da predileção pela palavra em estado de abandono, aquela pronta para metamorfosear-se, preparada para a coisificação

**Ele sabia que as coisas inúteis e os
homens inúteis
se guardam no abandono.
Os homens no seu próprio abandono.
E as coisas inúteis ficam para a poesia.**

(extraído do livro *Menino do mato*, 2010,
2ª parte, *Caderno de Aprendiz*, poema 34).

Barbosa (2003) atesta-nos que a utilização da palavra como traste concederá a Manoel de Barros um texto que privilegia a sonoridade e o ritmo das palavras. Estas se encontram em plena batalha contra a significação:

De trastes e restos será composta também sua obra. Assim como a pobreza permitiu a Jó o encontro com Deus, a união de restolhos, lodos, lesmas, lixos – as pobres coisas do chão – dará um matiz sagrado ao poema de Manoel de Barros. Assim como Jó, o sujeito poético deve estar coalescente às coisas para encontrar o irrepresentável. As pobres coisas do chão são valorizadas porque elas são as próprias coisas e nada mais. Para elas não existe a grande frustração dos humanos que não sentem o que são, apenas percebem. E perceber proporciona uma distância entre a visão e o objeto, distância que nunca poderá ser vencida. É por isso que devemos, também, segundo Barros, transformarmo-nos em entulhos, lixos, lodos. (BARBOSA, 2003, p. 55).

De acordo com o autor, Barros chama a nossa atenção para a perda da razão, como estratégia para se ver as coisas, portanto, ele considera que a poesia não deve ser entendida, mas sentida “Muita coisa se poderia fazer em favor da poesia: b- Perder a inteligência das coisas para vê-las. (Colhida em Rimbaud)...” (extraído do livro *Matéria de poesia*, 1970).

Voltando ao artigo Manoel de Barros: Rebelde amor diante da tradição, já citado neste texto, encontramos menção à Maria Adélia Menegazzo, quando esta indica a presença de traços estéticos das vanguardas, principalmente, irradiações na fantasia ditatorial de Rimbaud. Como é notória a leitura de Rimbaud, Mallarmé e Baudelaire em Manoel de Barros, voltamo-nos à obra *A estrutura da lírica moderna*:

A fantasia ditatorial não procede observando e descrevendo, mas sim com uma liberdade ilimitadamente criativa. O mundo real se rompe sob a imposição de um sujeito que não quer receber seus conteúdos, mas, sim, quer impor sua criação. (...) A fantasia ditatorial inverte a ordem do espaço. (...) Mas a fantasia inverte também a relação normal entre homem e coisa. (...) (FRIEDRICH, 1978, p. 81).

Continuamos perseguindo os estudos registrados por Menegazzo e deparamo-nos com A imagem entre o verbo e as tintas (2009), texto agregado à obra Nas trilhas de Barros – Rastros de Manoel, nele, é observado o poema Na fazenda, do livro *Compêndio para uso dos pássaros*, segundo a autora, a obra expõe a poética surrealista, seja por meio da recuperação da fala infantil, seja na aproximação de coisas díspares. Pontua também que as imagens são construídas por substantivos com referenciais fortemente marcados no mundo empírico: plantas, chão, corpo, gorjeio, árvores, porém, os elementos quando relacionados entre si, como verbos e complementos, desprezam a lógica racional. Eis o poema:

**As plantas
me ensinavam de chão.
Fui aprendendo com o corpo.
Hoje sofro de gorjeios
nos lugares puidos de mim.
Sofro de árvores.**

Manoel de Barros soma ao seu último poema do livro *Compêndio para uso dos pássaros*, Um novo Jó, versos de Jorge de Lima, assim, penso que ele esclarece sua comunhão com os seres e as coisas “Porquanto como conhecer as coisas senão sendo-as?” e completa próxima ao seu desfecho

**Ser como as coisas que não têm boca!
Comunicando-me apenas por infusão
por aderências
por incrustações...
Ser bicho, crianças,
folhas secas.**

Manoel de Barros afugenta-se da realidade, negando-a, ideia que o conduz à “desrealização”, que para Rosenfeld (1969) se trata de um fenômeno que “vem suscitando reações pouco amáveis no grande público”, seria segundo o autor, a “negação do realismo” (p. 76). Destacamos as palavras de Cardim (2010,) pontuando que parte considerável deste público está acostumada com a reprodução da realidade empírica.

A força ou a potência de um escritor não deve ser procurada em alguma espécie de tentativa de comunicar verdades objetivas ou ideias prontas. Sua

virtude consiste em seu estilo. É a modulação particularizada de sua maneira de falar que faz com que o leitor assimile aos poucos o universo do livro e que dá o próprio pensamento do autor. Dizer que em literatura o escritor inventa a linguagem é o mesmo que dizer que ele introduz nela uma deformação coerente. (CARDIM, 2010, p. 50).

Talvez, tomados por espanto e surpresa, alguns leitores ainda não seriam receptivos às construções das imagens surreais presentes na obra barreana, desconsiderando que “A novidade do poético estabelece-se conjuntamente a partir da fonte e do lugar, do processo e do mundo invencionado de cada poeta.” (CASTRO, 1991, p. 116).

Refletindo acerca das premissas e dos versos acima, buscamos ratificar com Merleau-Ponty (2004) a observação de que o conhecimento das crianças e dos doentes foi julgado por muito tempo rudimentar. Quando o autor trata do mundo percebido, destaca que este oferece “mais sentido e mais interesse nessas formas extremas ou aberrantes da vida ou da consciência, de modo que por fim, é o espetáculo integral do mundo e do próprio homem que recebem um novo significado.” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 30-31).

O estado de alucinação e loucura é o estado poético, apto à dicção emergente, para trazer à presença a palavra inaugural. A poesia alucina o poeta, e as palavras, enquanto dicção do que estava para se dizer, enquanto dicção, é revelação do que estava oculto e luz que ilumina e estabelece as sombras, que aclara a clareira onde a palavra inaugural concretiza a dicção. O poeta alucinado está apto a abrir-se ao mundo, entrar em contato com o mundo, sentir-se pertencente, pois, então, as palavras preenchem o que o poeta ainda não tem de mundo. (CASTRO, 1991, p. 147).

Manoel de Barros alerta-nos que “As palavras não devem ficar por conta de pessoas normais” e continua “Se a insânia exceder, a poesia será saudável.” (Celebração das coisas, 2006, p. 55). Castro (1991) acrescenta:

No devaneio o poeta cosmiciza tudo e reinventa os seres, ora conferindo funções e qualidades de uns para outros, ora integrando no poema seres de funções díspares para compor a nova harmonia cósmica e humana devaneada a partir da proximidade do ser e da potência arquetípica da infância. Manoel de Barros reinventa o mundo e o homem, possibilitando novas relações entre eles, integrando harmonicamente o firmamento, o homem, os animais e os seres numa convivência feliz. (CASTRO, 1991, p. 177).

Essa incessante busca pela palavra almejada e redimida provoca na poesia de Manoel de Barros a recorrência de inúmeros artifícios e experimentos com as palavras para fazer nascer ou inaugurar a palavra poética, alguns já apontados por Castro (1991): variações fonéticas, onoma-

topeias, prefixação, sufixação, resgate de palavras regionais, arquissemas, neologismos, figuras de linguagem e gracejos com as palavras, elementos que adiante serão iluminados, na continuidade dessa pesquisa, por meio dos versos barreanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: A infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

_____. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CARDIM, Leandro Neves. A expressão literária em Merleau-Ponty. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, 17, 2/2010, p.45-56.

CASTRO, Afonso de. *A poética de Manoel de Barros: a linguagem e a volta à infância*. Brasília: Universidade de Brasília. Departamento de Literatura Brasileira, 1991.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna* (da metade do século XIX a metade do século XX). Trad.: M. M. Curione e D. F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GAUTIER, Théophile. *Baudelaire*. São Paulo: Boitempo, 2001.

MARINHO, Marcelo et al. *Manoel de Barros: o brejo e o solfejo*. Brasília: Ministério da Integração Nacional/Universidade Católica Dom Bosco, 2002.

_____ et al. *Manoel de Barros: o brejo e o solfejo*. Campo Grande: Letra Viva; Brasília: Universa/UCB, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas – 1948*. Trad.: Fabio Landa e Eva Landa. Rev. da trad.: Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MORETTINI, Marly Teixeira; URT, Sônia da Cunha. *Cancioneiro do Pantanal*. Campo Grande: Life, 2010.

ROSA, Maria da Glória Sá; NOGUEIRA, Albana Xavier. *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores*. Campo Grande: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2011.

Círculo Aluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1969, p.75-97.

SPÍNDOLA, Pedro (Org.). *Celebração das coisas: bonecos e poesia de Manoel de Barros*, 2006.